

ARQUITETURA DE CACOS

ENSAIO TEÓRICO E PRÁTICO SOBRE A SUPERAÇÃO DA IDEIA DE TIPOLOGIA NA ARQUITETURA.

Portanto, o que se busca nesse trabalho é uma arquitetura que se contraponha ao determinismo e aos critérios dos tipos, busca-se **pensar o pensar** de um espaço flexível formado a partir dos pedaços existenciais, dos “CACOS”, dos pontos que estão sob influência de diferentes observações, e não a partir de uma lógica que segue um conjunto de princípios primeiros; e assim, possa integrar dinâmicas sociais e processos de alteração e adaptação, estando o mais aberta possível às incertezas e à complexidade da realidade; que acolha a diversidade ao invés de buscar uma unidade, onde o importante é o que acontece dentro e, eventualmente, ao redor da edificação, as relações que ela promove e as ações que ela estimula.

ARQUITETURA E SUSTENTABILIDADE

A discussão acerca de arquitetura e sustentabilidade perpassa diferentes disciplinas e não é propriamente nova. No entanto, não tem sido lembrada na prática. No que diz respeito à realidade atual da arquitetura e da construção civil observa-se cada vez mais o predomínio do ambiente construído e do crescimento descontrolado das metrópoles; do uso de materiais e técnicas com elevado custo energético e alto grau de desperdício na construção e na manutenção dos edifícios.

Segundo SOBREIRA, 2010, o discurso dos empreendedores, e também de muitos arquitetos, em torno da sustentabilidade na arquitetura e na construção civil seria uma forma de orientar o “consumo sustentável” estimulando a venda de produtos e tecnologias como meios para se alcançar as certificações ou selos verdes que distorcem a real finalidade que seria a busca pela sustentabilidade. Segundo ele, tem se observado o decorrer de um processo que nasceu do marketing de produtos no início da década de 1980 chamado de greenwash: o termo se refere à estratégia utilizada por empresas, governos e profissionais com o objetivo de aumentar a venda ou visibilidade de um produto baseado numa falsa imagem ecológica do mesmo. Através dessa prática, portanto, arquitetos têm trilhado caminhos pouco éticos onde a propaganda e o marketing associados ao aspecto verde camuflam graves problemas de qualidade arquitetônica.

O conceito de sustentabilidade vem paulatinamente ganhando força diante da crise energética e ambiental acentuada pela intensificação de distúrbios climáticos decorrentes de um aquecimento global resultante das ações humanas no planeta e que foi se tornando tão controverso quanto conhecido. O fato é que essa crise não se restringe apenas aos aspectos energéticos e ambientais, mas se estende por toda a estrutura social.

As áreas urbanizadas e a população global estão em processo de expansão em ritmo acelerado, seguindo modelos insustentáveis de urbanização que, segundo MONTANER, 2013, surgem através do acúmulo e da repetição de erros presentes na relação entre os edifícios, as pessoas e o ambiente. Os exemplos mais contundentes desse fenômeno, segundo o IPCC, 2014, se dão principalmente nos países em desenvolvimento como a Índia e o Brasil, por exemplo. Este modelo de urbanização reproduz características perversas como a segregação socioespacial, a dependência do automóvel, condições inadequadas de de moradia e trabalho, violência, carência de serviços básicos de saúde e salubridade, características edilícias não adaptadas à realidade socioambiental, carência de espaços públicos de qualidade, dentre outros. Todas essas características formam um modelo de cidade que faz com que as pessoas fujam das ruas e corram para os seus respectivos abrigos fechados, seguros e confortáveis. Dessa maneira, a vida nas ruas, a “vida entre os edifícios”, se torna cada vez mais insustentável; cada vez mais individual e menos social. Esta tendência a uma cidade sem vida que tem acompanhado a industrialização, a segregação modernista das várias funções da cidade e a dependência do automóvel, tornou a experiência urbana mais maçante e monótona.

Isso aponta, segundo Jan Gehl, 2015, para uma outra necessidade importante: a necessidade de estímulos. Diversas pesquisas realizadas na cidade de Copenhague e expostas pelo autor em seu artigo A vida entre edifícios apontam que o contato com outras pessoas é uma forma particularmente alegre e cativante de estímulo e que supera, se comparado, o contato com ou-

tros objetos inanimados pois o movimento e a comunicação visual, auditiva e corporal entre as pessoas oferecem maior riqueza de variações de sentidos.

“Nenhum momento é como o anterior ou o seguinte quando as pessoas circulam entre pessoas” (GEHL, 2015, pág. 18)

Gehl evidencia, também neste artigo, que a oportunidade de encontrar pessoas e parar para as ver e ouvir oferece uma rede de informações sobre o entorno social, tanto no âmbito geral quanto no âmbito particular, sobre os quais as pessoas convivem, trabalham e se deslocam. Os meios de comunicação de massa não conseguem trazer os mesmos tipos de informação, não conseguem chegar a um ponto tão específico trazendo informes que se limitam a eventos maiores e mais sensacionais sobre o mundo. É apenas através do convívio que aprendemos sobre os detalhes mais comuns que possuem maior ou igual importância e são fundamentais para funcionarmos em um contexto social.

Segundo LEMOS, 2014, a sustentabilidade torna-se mais tangível por meio de ações que intervêm diretamente nas estruturas mais significativas das sociedades atualmente – desde aspectos que possuem uma abrangência global, até aspectos da escala da vida social, individual e cotidiana: a forma de entendimento e interação com a cidade e com o ambiente natural, a forma de organização social pouco justa e que exacerba diferenças, a estrutura econômica vigente, o padrão de consumo, etc. A partir daí, ela entende que pensar em sustentabilidade como um conceito, único e fechado, com foco e finalidade no consumo de tecnologias e materiais, seria reducionista frente à constatação da real existência de uma enorme gama de sustentabilidades possíveis, compreendendo sustentabilidade como característica de um sistema ou de um processo que deve moldar-se a contextos sócio-espaciais específicos e diferenciados, ou seja, deve corresponder à condição fragmentária de cada lugar e suas características próprias.

Conclui-se, portanto, que uma arquitetura sustentável não é aquela que se preocupa apenas em propor formas, métodos construtivos e funcionamento dos espaços internos do edifício - que estão ligados às necessidades específicas de seus usuários - de maneira responsável e eficientemente ecológica.

Uma arquitetura sustentável, preocupa-se, além disso, em sustentar a vida no entorno do edifício propiciando o contato entre as pessoas, enriquecendo o espaço no que diz respeito a diversidade de situações que geram desenvolvimento social à cidade através das trocas de experiências entre os seus usuários. Isso só é possível quando se cria meios para se chegar ao imprevisível, ao não-determinado, ao espontâneo, ao não-planejado; quando se cria meios para que se abrigue a vida da maneira que se dá em cada contexto socioespacial e não somente para abrigar um programa funcional, por mais que este siga uma tipologia sustentável.

É conveniente recordar a contribuição de **Jane Jacobs** (1916-2016) em seu livro Morte e vida de grandes cidades,¹² aquilo que ela denominou de “balé urbano cotidiano”; ou seja, os movimentos e as relações entre as pessoas nas calçadas dos bairros, dentro do rico e complexo sistema de transmissão de conhecimentos e cuidados que é a cidade.

Em A Condição Humana, Hannah Arendt resume a essência do ser humano no que ela denomina de *vita activa*. Através desta expressão ela pretende designar três atividades fundamentais do ser humano: labor, trabalho e ação.

O labor é a atividade que compreende os processos biológicos do corpo humano; e seus eventuais crescimento e declínio, têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas no processo da vida. A condição humana do labor, portanto, é a própria vida. O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana que produz um “mundo artificial” composto por coisas que diferem nitidamente de qualquer ambiente natural; sendo, portanto, a mundanidade, a condição humana do trabalho.

A ação, para Arendt, é a única atividade que se exerce entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria correspondendo à condição humana da pluralidade; ao fato de que homens, e não Homem, vivem na terra e habitam o mundo. “Ao contrário da fabricação, a

ação jamais possível no isolamento”, escreve ela, e acrescenta: “seja qual for seu conteúdo específico, a ação sempre estabelece relações”; “a ação é o milagre que salva o mundo”. A polis e a cidadania vão sendo construídas com a ação das leis e da arquitetura.

DIAGRAMAS E EXPERIÊNCIAS

A desconstrução da dualidade subjetividade-objetividade é aqui um passo inicial e decisivo para que se chegue, através da experiência, à ideia de uma arquitetura ativa, dinâmica, sustentável e não tipológica.

MONTANER, 2017, discorre sobre essa dualidade sobre a qual se baseou a era moderna que partia dessa dicotomia “irreconciliável e maniqueísta” na qual priorizava-se o objetivo em relação ao subjetivo: o primeiro apresentado como valor único, científico e absoluto diante da suposta parcialidade do subjetivo, tão desprestigiado por ser arbitrário quanto enaltecido pelo individualismo.

Ainda segundo Montaner, as dualidades sujeito-objeto, masculino-feminino, subjetividade-objetividade são fictícias e construídas a partir do olhar hegemônico do capitalismo patriarcal e devem ser questionadas, desestabilizadas e desconstruídas pois o exclusivismo da objetividade pode levar a um pensamento autônomo e dogmático; frio e desligado da realidade. Já a exclusiva subjetividade, pode levar à arbitrariedade, ao egocentrismo e ao esteticismo. Uma não existe nem se explica sem a outra e a autonomia de ambas leva ao desastre. Portanto, acredita-se aqui que a arquitetura pode evoluir como saber profissional à medida em que formos capazes, como propôs **Félix Guattari**, de apreender a realidade de maneira pragmática desvelando mais os seus funcionamentos do que os significados, rompendo com o tipo de sujeito personalístico criado pelo capitalismo patriarcal, devendo-se promover tanto a “subjetivação individualizante” que permite aflorar o desejo e as experiências vividas, quanto a vontade de sistematizar um “mundo objetivo” que seja uma referência para que os membros da sociedade se comuniquem.

MONTANER, 2017, alerta ainda sobre a possibilidade do saber arquitetônico ter se baseado excessivamente na teoria e nas metodologias de projeto dispondo ainda de poucos meios para se registrar e integrar a complexidade da realidade e que falta à arquitetura definir novas teorias para projetar sistemas abertos, desenvolver novas pragmáticas, descobrir novas capacidades para incorporar ao sistema de criação de espaços a experiência dos sentidos e das percepções – concluindo que os arquitetos do futuro serão, talvez, mais capazes de organizar e coordenar o meio para as vivências das pessoas e o desenvolvimento pleno das suas experiências e livre expressão dos seus sentimentos e emoções.

Sendo assim, trata-se de uma nova relação entre teoria e práxis como aponta o filósofo **John Rajchman** sobre a existência de um “novo pragmatismo” ou um “pragmatismo diagramático” que, segundo ele, é uma interpretação ao “pragmatismo experimental” de **Michael Foucault** aplicado ao campo da arquitetura e do urbanismo que é capaz de interferir em uma realidade caótica no sentido de ser imprevisível e inconstante e que, portanto, os fenômenos não podem ser abordados a partir de ideologias e apriorismos devendo ser experimentados e articulados. Rajchman aponta ainda a possibilidade de um futuro onde a arquitetura não é apenas um saber dedicado à construção física, mas também uma construção mental, ecológica e social, aberta às mudanças no contexto.

Voltemos então aos diagramas que, para MONTANER 2017, é uma ferramenta fundamental para esse novo pragmatismo que não parte de posições estáveis, mas é nômade e dinâmico para que se adapte a tempos deslocados, fragmentados e múltiplos, pois a realidade é caótica e não definitiva. Os diagramas contemporâneos por sua vez respondem a isso através da sua capacidade interativa e seu caráter operacional e estratégico; um plano aberto capaz de trabalhar sem preconceitos sobre a complexidade da cidade para além de qualquer pressuposto ideológico. É daí que esse trabalho parte para a conceituação de uma “Arquitetura de Cacos” que toma forma a partir da apreensão, dos registros e da interpretação desses fragmentos que compõem a realidade em suas diversas condições e se adapta aos seus tempos e às suas dinâmicas próprias.